



## **O papel da monitoria no componente curricular educação, economia popular solidária e práticas associativas: uma experiência no Curso de Pedagogia (com área de aprofundamento em Educação do Campo)**

*The role of monitoring in the curricular component education, solidarity popular economy and associative practices: an experience in the Pedagogy Course (with an in-depth area in Rural Education)*

CHAVES, Gislaine da Nóbrega<sup>1</sup>; PONTES, Thayná Araújo F. de<sup>2</sup>; VALENCIA, Carlos Alberto Isaza<sup>3</sup>;

Universidade Federal da Paraíba, nchaves@hotmail.com<sup>1</sup>, Universidade Federal da Paraíba, thaynafp@hotmail.com<sup>2</sup>; Universidade Federal da Paraíba, carlos0isaza@gmail.com<sup>3</sup>

### **RESUMO EXPANDIDO TÉCNICO CIENTÍFICO**

#### **Eixo Temático: Educação em Agroecologia**

**Resumo:** A pandemia, ocasionada pela Covid-19, impactou o *modus vivendi* humano, especialmente a oferta e a organização do ensino em todo o mundo. No Ensino Superior, estimulou a busca por mais formação em novas tecnologias da comunicação e informação, por mais parcerias e pela implementação de estratégias didáticas mais dinâmicas. Na Universidade Federal da Paraíba, o Programa de Monitoria, denominado de Período Suplementar Remoto, objetivou promover a cooperação acadêmica, contribuindo para a melhoria da qualidade de ensino. Este relato aborda as conexões de saberes estabelecidas no componente curricular Educação, Economia Popular Solidária e Práticas Associativas, ofertado pelo Curso de Pedagogia (com área de aprofundamento em Educação do Campo), cujos princípios e práticas educativas interdisciplinares fortalecem a agroecologia. Concluiu-se que o ensino, por meio da monitoria, mostrou-se muito potente, necessitando ser mais valorizado, ensejando novos devires à educação do campo.

**Palavras-chave:** princípios formativos; agroecologia; trabalho coletivo; diálogo; autonomia.

#### **Introdução**

Este relato aborda o papel da monitoria no componente curricular Educação, Economia Popular Solidária e Práticas Associativas, ofertada pelo Curso de Pedagogia (com área de aprofundamento na Educação do Campo), no período de 2019.2, pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), no *Campus I*, localizado em João Pessoa-PB, no Brasil. O referido componente curricular foi ministrado, majoritariamente, no período presencial e finalizado na transição para o ensino remoto, tendo sido impactado pelas mudanças ocasionadas pela pandemia de Covid-19.

Os princípios e práticas educativos adotados no componente curricular fortalecem a Agroecologia, compreendida como ciência, técnica e prática interdisciplinar, assentada na cultura ancestral dos povos camponeses relacionada ao bem-viver:

A Agroecologia é um dos pilares centrais da construção da Reforma Agrária Popular, exatamente porque se refere ao modo de produzir que desenha a



função social da terra em uma forma de relação metabólica do ser humano com a natureza e não contra ela. [...]. (CALDART, 2019, p.3; suprimido).

Para Caldart (2019), a Agroecologia constitui um “sopro de vida”, que deve chegar cada vez mais às comunidades que podem realizar a transição de uma agricultura capitalista para uma agricultura agroecológica, ampliando sua territorialidade para as escolas. Com a criação do Programa Nacional de Educação para a Reforma Agrária (PRONERA), em 1998, esse “sopro de vida” se espalhou para diversos níveis de escolarização, chegando às universidades com a ocupação dessa territorialidade pelos povos do campo, por meio dos movimentos sociais do campo, trazendo consigo as marcas de uma posição política em prol de um projeto popular de sociedade, com muitas conexões e aprofundamentos na realidade concreta dos povos do campo e na produção familiar camponesa sustentável, sem agrotóxicos e sem transgênicos.

## Metodologia

Os sujeitos colaboradores da pesquisa foram trabalhadores e trabalhadoras do campo, assentados/as da Reforma Agrária de municípios da Paraíba (Sapé, Cruz do Espírito Santo, Conde e Gramame), organizados/as por meio da Associação dos Agricultores e Agricultoras Agroecológicos da Várzea Paraibana. Os produtos da feira são comercializados na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), no *Campus I*, localizado em João Pessoa-PB, no Brasil, onde a Feira Agroecológica da Ecovárzea acontece. Outrossim, participaram da pesquisa o grupo produtivo, “Sereias da Penha”, criado em 2015, formado por mulheres da comunidade da Penha, em João Pessoa-PB, organizado por meio da Associação de Artesãs Sereias da Penha, que utilizam escamas e couro de peixe, descartados da natureza, conchas e fios de cobre na confecção de bijoias e acessórios de decoração. Ambos os empreendimentos atuam de modo autogestionário.

A metodologia de pesquisa partiu das aulas ministradas no componente curricular intitulado: Educação, Economia Popular Solidária e Práticas Associativas, ofertado pelo Curso supracitado. Os grupos de pesquisa realizaram estudos teóricos e coletaram dados munidos de roteiros de observação e de entrevistas. As observações foram registradas em diário de campo e as entrevistas foram gravadas com o uso de *smartphone*. Posteriormente, os dados foram discutidos e sistematizados em sala de aula.

As metodologias de ensino adotadas no componente curricular em tela, priorizaram a relação entre ensino e pesquisa, com ênfase nas propostas temáticas escolhidas pelos/as discentes. A experiência extrapolou os limites dos processos de ensino ocorridos de modo mais tradicional, uma vez que inspirada em uma abordagem teórico-metodológica libertadora, baseada na relação teoria/prática, oportunizou o contato dos/as discentes com a realidade concreta dos sujeitos colaboradores da pesquisa.



Os empreendimentos solidários da Feira Agroecológica da Ecovárzea (UFPB) e das “Sereias da Penha” foram fundamentais para o processo construtivo de ensino-aprendizagem da turma, pois o contato com a realidade concreta permitiu aos/às discentes relacionarem teoria à prática, já que munidos/as dos instrumentos de pesquisa anteriormente citados, puderam problematizar seus achados empíricos e refletir acerca do aporte teórico estudado. As reflexões inerentes a esse processo resultaram na produção de um resumo expandido, como um dos requisitos para a conclusão do componente curricular.

## **Resultados e Discussão**

Primeiro momento – início do processo formativo, com a participação da monitora e do estagiário docente em um grupo de estudos, onde foram realizadas as seguintes atividades: estudos teóricos, elaboração de questões, materiais didáticos, instrumentos avaliativos, revisão do planejamento docente e elaboração de relatórios mensais de atividades.

Os estudos propiciaram reflexões acerca da educação como um campo de territorialidade imaterial (FERNANDES, 2008), que tem sido materializada, como uma importante política pública, em decorrência da luta dos povos do campo, que foi se firmando com o PRONERA. A discussão propiciada por Fernandes (2008) agregou bastante conhecimento no grupo de estudos e no componente curricular, uma vez que ele aborda a Educação do Campo e o Território Camponês, por meio de uma análise crítica acerca da disputa territorial existente entre o agronegócio e o campesinato, aproximando os/as discentes das especificidades do Curso. Desse modo, o campo da Educação do Campo é um campo político, social, cultural e sustentável, fundamentado no contexto do campesinato. E esse campo só é possível com uma educação voltada para os seus interesses, suas necessidades e identidades (FERNANDES, 2008).

Nesse contexto de lutas, a ECOSOL, se apresenta como uma importante política pública relevante para os povos do campo, especialmente por se constituir como uma outra forma de produção econômica favorecedora de sua existência, cujos princípios educam para o bem-viver, a exemplo da autogestão, da solidariedade, da cooperação e da valorização do trabalho humano. Para Singer (2002), a economia solidária se fundamenta no desenvolvimento de organizações econômicas opostas ao modo de produção capitalista dominante. A abordagem na ECOSOL introduziu o grupo de estudos na discussão teórica sobre os temas-chave que seriam trabalhados com os/as discentes da turma. Singer (2002) chama a atenção para a importância de uma sociedade mais igualitária e autogerida, pautada na solidariedade de uma economia praticada entre iguais. Nesse sentido, afirma que “a solidariedade na economia só pode se realizar se ela for organizada igualmente pelos que se associam para produzir, comerciar, consumir ou poupar” (SINGER, 2002, p. 9).



Os diálogos mantidos com Singer (2002) e Fernandes (2008) propiciaram a reflexão acerca dos processos educativos que envolvem a sustentabilidade assentada em uma relação diferenciada dos povos do campo com a natureza e com os seus congêneres. Por conseguinte, Gadotti (2003) trouxe à baila a problemática da insustentabilidade do capitalismo e um debate sobre a sustentabilidade na perspectiva da Pedagogia da Terra. Seus questionamentos acerca da sustentabilidade e de como uma educação baseada na cultura da sustentabilidade e da paz potencializa as relações com os outros, com nós mesmos e com a natureza foram fundamentais para a formação inicial. Nesse sentido, dialoga com uma perspectiva de educação emancipatória, que se firma na problematização da realidade, contribuindo para fortalecer a educação do campo e a perspectiva da ECOSOL proposta por Singer (2002). Desse modo, Gadotti (2003) contribuiu para a reflexão sobre como os problemas atuais são provocados pela maneira de viver dos humanos e como a escola/educação influencia diretamente nisso. Nessa esteira, há a necessidade de reorientação na educação pelo princípio de uma cultura sustentável fundada na Ecopedagogia, que não se preocupa apenas com a nossa relação com o meio ambiente, mas também com o que fazemos com a nossa existência, buscando aprender a partir de uma visão sistêmica de mundo.

A perspectiva teórica, pensada na esteira dos autores supracitados, objetivou incentivar os processos de formação inicial, a partir da ECOSOL. Essa abordagem trouxe a importância do ofício docente diante de seus saberes, suas práticas e a importância crítica da experiência (TARDIF, 2014), cuja participação no grupo de estudos gerou uma rede de interações entre docente, monitora, estagiário docente (mestrando do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente) e educandos/as.

O processo de ensino-aprendizagem valorizou os conhecimentos trazidos pelos/as discentes do curso, que participaram ativamente das aulas, porém com algumas dificuldades relacionadas a compreensões conceituais e à escrita de textos acadêmicos. Todavia, o contato com a realidade concreta, no movimento propiciado pelo componente curricular, contribuiu para dissipar incompreensões conceituais e contextuais, uma vez que a relação ensino/pesquisa e extensão se mantém viva nos três momentos apontados neste relato, aproximando ainda mais a Universidade da Comunidade.

Segundo momento – após os estudos teóricos, os/as discentes foram orientados/as para a coleta de dados, munidos/as com um roteiro de observação e outro de entrevista, assim como com o diário de campo; instrumento que, tradicionalmente, tem sido utilizado por antropólogos, mas que se disseminou por outras áreas do conhecimento. Aqui fez-se um uso diferenciado do diário de campo, pois além de dados essenciais, a exemplo do local, data e título, foram inseridas três perguntas guias para apurar e instigar a escrita e a reflexão dos/as discentes: escrita do que foi realizado e observado no dia da aula de campo, escrita das aprendizagens obtidas com as aulas de campo e as suas reflexões/indagações acerca das práticas realizadas. Ocorreram três aulas de campo; duas na Feira Agroecológica Ecovárzea



e uma no empreendimento de ECOSOL das “Sereias da Penha”; duas na sexta-feira, pela manhã, quando a feira acontece, e outra no sábado, à tarde, na comunidade da Penha.

A primeira aula de campo, realizada na Feira Agroecológica Ecovárzea, foi realizada com o objetivo de os/as discentes realizarem a ambientação com o local da pesquisa, ou seja, nesse momento ocorrem os primeiros contatos e observações, os diálogos com os/as trabalhadoras/es e consumidores/as e, de modo geral, a identificação do movimento da feira; produtos, preços, destino das sobras, gestão, relações produtor/consumidor e o consumo solidário, além dos acertos entre discentes e trabalhadores/as para a concessão das entrevistas. Já durante a segunda aula de campo, ocorrem as trocas intersubjetivas, por meio das entrevistas, quando discentes e trabalhadores/as dialogam acerca do histórico da associação, das concepções, organização e princípios norteadores do empreendimento de ECOSOL, do valor agregado à produção, das mudanças na sua qualidade de vida, das pessoas que participam da associação e suas funções.

Na sede onde as “Sereias da Penha” produzem e comercializam colares, pulseiras, anéis, dentre outros, as rodas de diálogo colocaram o grupo de discentes à escuta e foram fundamentais para a compreensão de sua história, luta e resistência para manter o grupo de mulheres articulado e produtivo, já que as peças, resultantes do seu trabalho, não se constituem em gêneros de primeira necessidade. O grupo que foi iniciado com mais de 30 mulheres, com o início da pandemia de Covid-19, contava apenas com seis integrantes. O grupo de mulheres se constitui como um segmento muito potente no âmbito da ECOSOL, sobretudo na sua luta por uma sede própria para comercializar os seus produtos. Todavia, sua organização apresenta alguns desafios, como a necessidade de engajarem um número mais expressivo de mulheres no empreendimento e seguirem com uma formação na área das tecnologias da informação e da comunicação.

Terceiro momento – ao retornarem do campo com seus achados, os/as discentes têm a oportunidade de aprofundar as temáticas escolhidas, com a produção de resumos expandidos, relacionando teoria e prática, com o adensamento proporcionado por novas leituras, e, ainda de produzir um *banner* eletrônico para a apresentação das principais nuances de sua pesquisa; momento em que aprofundam perspectivas teórico-metodológicas pouco compreendidas e ensaiam o processo comunicacional inerente à cultura acadêmica. A pandemia de Covid-19 ocorreu exatamente ao final do encerramento das atividades do componente curricular. Esse mal que assolou a vida humana na terra, provocando a tomada de medidas sanitárias pelos governos, a exemplo do isolamento social, impediu que o momento comunicacional, por meio de seminários de aprofundamento, fossem realizados. A formação de um grupo de trabalho, com a participação de uma monitora e de um estagiário docente, foi crucial para atender as demandas discentes, em encontros formativos presenciais, mas, também, por meio de plantões pedagógicos semanais (presenciais e virtuais), propiciando o aprimoramento das práticas didáticas e da produção textual.



## Conclusões

O trabalho docente e o planejamento em equipe asseguraram um papel mais ativo entre os sujeitos, e, concomitantemente, facilitaram os processos de ensino-aprendizagem, motivando os/as discentes para atuarem no ensino e contribuírem com a produção de conhecimento.

As relações dialógicas que se estabeleceram, as dificuldades compartilhadas e os desafios apresentados, no transcorrer do processo de ensino-aprendizagem, prepararam a monitora, o estagiário e a docente para novas experiências que transcendem o ambiente acadêmico. A pandemia da Covid-19 apresentou limites às práticas educativas desenvolvidas no componente curricular, tendo em vista, que impediu a realização dos seminários de aprofundamento.

No entanto, esse momento adverso foi convertido em aprofundamento dos resumos expandidos, oportunizando a ampliação das leituras e uma maior densidade teórica aos resumos elaborados. Pelo que foi abordado, considera-se que a Educação do Campo deva figurar na agenda governamental como uma de suas prioridades, com recursos orçamentários mais robustos e políticas de formação que contemplem as especificidades dos educadores e educadoras do e no campo; da Educação Básica ao Ensino Superior, potencializando ainda mais as ações educativas desenvolvidas nas diversas territorialidades de existência humana.

## Referências bibliográficas

CALDART, Roseli S. **Agroecologia nas Escolas de Educação Básica: fortalecendo a resistência ativa!** Nova Santa Rita, Rio Grande do Sul, Brasil. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/liceducampofaced/wp-content/uploads/2018/06/Agroecologia-Escolas-EB-Exposi%C3%A7%C3%A3o-Roseli-RS-Out19.pdf> Acesso em: 12 de fev. 2023

FERNANDES, Bernardo M. **Educação do campo e território camponês no Brasil.** In: SANTOS, Clarice A. dos. (Org.). Por uma educação do campo: campo, políticas públicas, educação. Brasília: Incra, MDA, 2008.

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da terra e cultura a sustentabilidade.** In: ROMÃO, José Eustáquio.; OLIVEIRA; José Eduardo de (orgs.). Questões do século XXI. São Paulo: Cortez, 2003.

SINGER, Paul. **Introdução à Economia Solidária.** Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional.** Rio de Janeiro: Vozes, 2014.